

O MUNDO VISTO DE GUARATINGUETA

PAULO RÓNAI

Para quantos tiveram a sorte de conhecê-lo, Brito Broca encarnava o tipo ideal do literato puro. Profundo conhecedor da literatura do passado, acompanhava de perto a do seu próprio tempo; a ampla erudição, a inteligência aguda e o bom senso permitiam-lhe situar uma obra, descobrir-lhe a filiação espiritual, aquilatar-lhe a originalidade, decifrar-lhe a mensagem. Poderia ter sido um dos nossos melhores críticos, se não lhe faltasse em agressividade o que lhe sobrava em indulgência e se possuísse outras ambições além da de ler pelo prazer de ler e de se instruir. A leitura representava para ele uma forma de viver, a única. Com toda a sua capacidade de julgamento, não se arvorava pois em crítico, limitando a sua ação à de cronista literário, o que lhe facultava entregar-se ao "vício impune" da leitura e, acessoriamente, tirar dele um modesto ganha-pão.

Dai o caráter fragmentário de toda a sua obra. As suas notas, tão concisas, informativas e inteligentes já nasciam nas dimensões preestabelecidas pela seção que assinava com o pseudônimo de Alceste em *A Gazeta*. Habituar-se tanto ao artigo breve e leve que acabou recusando trabalhos de fôlego que, no entanto, poucos estavam em condições de executar tão bem como ele. Faltando-lhe, por outro lado, o mínimo de combatividade indispensável ao lançamento de um volume inteiro era preciso um estímulo poderoso para que um livro com o seu nome viesse à luz. Assim a sua obra mais importante, *A Vida Literária no Brasil - 1900*, tão elogiado e tantas vezes premiado, provavelmente não teria aparecido se não houvesse a insistência amiga de José Simeão Leal, o seu primeiro editor.

Da mesma forma, os capítulos esparsos de suas memórias estavam fadados a permanecer sepultados nas páginas de um jornal, sobretudo depois do desastre que prematuramente cortou a sua vida. Felizmente outro amigo, Francisco de Assis Barbosa, encarregou-se, a convite da Livraria José Olympio Editora, de coordenar com mão amorosa esses fragmentos num mosaico que não somente encantam pela sua graça, mas surpreendem pela sua homogeneidade e o seu ar de acabamento.

O memorialista Brito Broca, revelado neste volume, nada fica a dever ao cronista literário; poderá interessar, até, um público mais amplo. O livro dá-nos a impressão de ter sido escrito de um jato, e lê-se numa assentada que nem um romance empolgante, exigindo o seu lugar ao lado das memórias de Cyro dos Anjos, Vivaldo Coaracy e outros mestres do gênero.

O retrato fiel que, no amigo desaparecido, nos oferece o compilador do volume é um trabalho realizado com um gosto da medida e um senso de justiça que teriam encantado Brito Broca e constituem a homenagem mais apropriada à sua personalidade.

É tríplice o interesse da obra: ela vale como auto-retrato de alto valor psicológico, como quadro sociológico da vida paulistana no primeiro quartel deste sé-

culo e como representação dos costumes literários de São Paulo nos anos sucessivos.

Auto-retrato, no caso, não significa confissão. Arredio a confidências íntimas, ainda mais a sondagens no próprio inconsciente, a sua concepção do recato e a sua timidez faziam com que Brito Broca resguardasse a sua biografia sentimental. A própria evolução intelectual parecia-lhe mais importante: "Acontece que a história de nossas leituras, do nosso encontro com determinados autores envolve também um pouco da história da nossa vida". Isolado num meio ingênuo que o rodeava com carinho, mas não lhe partilhava as curiosidades e as inquietações, o menino crescera sem verdadeira comunicação, embora sem as angústias da solidão. Nos episódios que conta é antes espectador do que participante: nos poucos em que passa para o primeiro plano, abstém-se escrupulosamente de embelezar o próprio papel ou de atribuir-se qualidades que sabe não possuir. Mas todos os episódios interessam, pois o autor tinha a capacidade de perceber características engraçadas, de reter os traços marcantes das pessoas que lhe cruzavam o caminho. De muitas delas pinta retratos magistrais, embora algo distantes: só o sentimento comungar com a avó, a quem as vicissitudes de uma vida inclemente transformaram em verdadeira heróina de romance.

O quadro que se nos oferece da vida de uma cidadezinha do interior paulistano há meio século, movimentado e colorido, conserva muito do frescor que tinha para os olhos esbugalhados do menino. Os fatos são contados sem interpretação e revalorização, com uma imparcialidade avessa a conclusões generalizadas. Mesmo depois de relatar o tédio que o dominava nas aulas de mestrinhas improvisadas sem outra credencial senão o fato de não saberem fazer nada e de terem que ganhar um dinheirinho, e o entusiasmo que sentiu ao entrar, afinal, numa escola de verdade, hesita em condenar os métodos antigos em prol dos modernos, "já que este livro pretende ser apenas testemunho sem nenhum propósito doutrinário".

Mas o acervo de observações constitui documento precioso não somente no tocante à vida pacata e bitolada de Guaratinguetá, como também em relação à maneira por que nela repercutiam acontecimentos da política nacional e internacional, e porque as mensagens mais diversas de um universo longínquo e misterioso eram nela catadas, interpretadas e deformadas. Os divertimentos singelos da época: sessões de teatro e de circo, exibições de prestidigitador, passatempos das férias escolares, assim como silhuetas típicas da cidadezinha revivem com plasticidade. O relato das superstições e dos preconceitos do lugar, das práticas de medicina popular em uso, dos hábitos alimentares, dos modismos de expressão característicos é tanto mais interessante quanto mais radical o progresso que, embora desordenado e imprevisível, alterou completamente em apenas cinco décadas a fisionomia de tantas cidadezinhas do interior.

Com a mesma serenidade e o mesmo bom humor, sem intuítos de sátira, ou laivos de sarcasmo, o Autor, na parte final do livro, nos faz presenciar a sua estréia de repórter literário, verificada na época do modernismo incipiente e dos começos da indústria editorial. Cada uma de suas confrontações com uma das celebridades do momento vale por uma aventura grotesca. É dos mais pitorescos o quadro das casas editoriais e dos jornais num momento em que essas empresas ainda permaneciam ligadas à boemia desgrenhada e à improvisação, a blague e o trote pareciam seus métodos obrigatórios.

Assim o historiador, o sociólogo, o psicólogo, o simples curioso encontram com que entreter-se neste livro, enquanto os conhecidos de Brito Broca poderão desfrutar a ilusão de ouvir outra vez o amigo alegre, irrequieto, insubstituível contar-lhes histórias como outrora, em encontros casuais nas redações, nas edito-

ras ou numa das esquinas da Avenida Rio Branco. E o leitor que não pode conhecer pessoalmente, descobrirá nele um dos prosadores mais elegantes e mais naturais, além de uma das figuras humanas mais atraentes da nossa literatura.

Texto publicado no "Suplemento Literário" de O Estado de S. Paulo, em 01/02/1969.